

A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos (DFE)

Gabriela Menezes* e Regina Ritter Lamprecht*

O tema deste estudo é a consciência fonológica na relação entre a fala e a escrita de crianças com desvios fonológicos evolutivos, abordado em Menezes, 1999.

A consciência fonológica pode ser definida como a habilidade de refletir sobre os sons da fala e sua organização na formação das palavras. Segundo Morais (1989), a consciência fonológica é uma capacidade metalingüística que se refere à representação consciente das propriedades fonológicas e das unidades constituintes da fala.

O objetivo deste trabalho foi verificar a existência de uma possível relação entre o nível de consciência fonológica de crianças com desvios fonológicos evolutivos e a incidência ou não dos desvios fonológicos na escrita.

O *corpus* da pesquisa constitui-se da produção oral e escrita de 20 crianças em fase de letramento que possuíam desvios fonológicos evolutivos (DFE), frequentadores de escolas estaduais e municipais localizadas dentro ou próximo de vilas da cidade de Porto Alegre. A amostra é formada por 15 sujeitos do sexo masculino e 5 do sexo feminino, com idades entre sete e doze anos. Esses sujeitos foram testados quanto ao nível de consciência fonológica e tiveram dados de sua fala e escrita coletados.

* PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

1 Coleta de dados da fala e da escrita

A coleta dos dados da fala e da escrita dos sujeitos foi realizada com base no instrumento proposto por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1992), composto por cinco desenhos temáticos. Os informantes deviam dizer o nome das figuras que viam nos desenhos e escrever esses nomes. A partir dessa coleta foi possível observar os desvios fonológicos apresentados na fala dessas crianças e a escrita das palavras produzidas oralmente de forma desviante, possibilitando a comparação entre a fala e a escrita dos sujeitos.

2 Teste de consciência fonológica

O nível de consciência fonológica dos informantes foi analisado através do teste elaborado por Cardoso-Martins (1991), o qual consiste em três séries de tarefas de classificação de palavras quanto ao som. As séries avaliam a habilidade da criança em identificar, entre três palavras distintas, o par que apresenta sílabas iguais no início, no meio ou no fim das palavras.

Foram elaborados para este estudo dois testes que pretendem verificar a existência de consciência do próprio desvio quanto à fala e à escrita, os quais serão expostos a seguir.

3 Teste de consciência do próprio desvio de fala

A partir da amostra da fala das crianças foi elaborado o teste de Consciência do Próprio Desvio de Fala. Este teste tem como objetivo fazer com que a criança ouça e julgue os desvios existentes em sua própria fala.

Para a execução do teste, foi ouvida a fita com a amostra de fala de cada um dos entrevistados e selecionadas, para cada informante, 10 palavras produzidas por ele mesmo com desvios. Essas palavras foram gravadas isoladamente em uma outra fita, de maneira que não aparecessem os diálogos entre a entrevistadora e o informante. Dessa forma, as palavras foram apresentadas aos sujeitos de maneira descontextualizada, com o objetivo de dificultar que cada um percebesse que se tratava de palavras produzidas por eles mesmos.

A cada um dos sujeitos pesquisados foi apresentada a "montagem" de uma gravação com 10 palavras isoladas produzidas por ele mesmo. Essas palavras foram ouvidas e julgadas pela criança.

A fim de evitar que a criança não identificasse a palavra-alvo, foram selecionadas figuras correspondentes às palavras que compunham o teste de cada um dos informantes, as quais eram mostradas para as crianças no momento da aplicação.

Em entrevista individual, era explicado para a criança que ela iria escutar 10 palavras faladas "por uma outra criança", e deveria julgar quais estavam sendo produzidas de forma adequada e quais estavam sendo produzidas de forma inadequada. Para que fatores emocionais não interferissem, a criança em momento algum foi avisada de que se tratava de palavras produzidas por ela mesma. A pergunta feita para o informante era:

- Essa criança está falando "direitinho" a palavra?

A criança ouvia uma palavra de cada vez (no máximo duas vezes cada palavra). Antes de acionar o gravador, era mostrada a figura da palavra que seria elicitada. As respostas das crianças e eventuais comentários eram anotados em uma folha que continha as palavras do teste.

4 Teste de consciência do próprio desvio de escrita

A partir das palavras escritas pelas crianças, foi criado um teste para que os sujeitos pesquisados julgassem os desvios cometidos em sua própria escrita, o qual foi chamado de teste de Consciência do Próprio Desvio de Escrita. Foram selecionadas e digitadas, para cada um dos informantes, 5 palavras escritas por ele mesmo de forma incorreta, formando uma lista.

A criança recebia essa lista com as 5 palavras digitadas, devendo ler e marcar, ao lado de cada uma das palavras, se estavam grafadas de forma correta ou não. Assim como no teste de Consciência do Próprio Desvio de Fala, as palavras do teste de Consciência do Próprio Desvio de Escrita eram identificadas através de gravuras correspondentes. Para que fatores emocionais não interferissem, o sujeito não era informado de que se tratava de sua produção escrita.

Não foram selecionadas palavras que apresentassem erros ortográficos. A maioria das palavras selecionadas envolvia omissão, troca ou inversão da posição das letras, geralmente relacionadas aos desvios fonológicos apresentados pelas crianças. Por exemplo: TEI / POTA / BOBRORETA (trem, porta, borboleta).

5 Análise e interpretação dos dados

Os dados da fala e da escrita das crianças foram comparados e relacionados ao nível de consciência fonológica, consciência do próprio desvio de fala e consciência do próprio desvio de escrita. Dessa forma foi possível observar se o nível de consciência apresentado pelos informantes relacionava-se à repercussão ou não dos desvios de fala na escrita, o que pode ser observado na Tabela a seguir.

Tabela 1
Resultados gerais (%)

Informantes	Consciência Fonológica	CPDF	CPDE	SD
01	61,11	85	0	90,24
02	19,44	40	80	40
03	52,77	70	80	51,35
04	33,33	50	20	25,49
05	41,66	0	60	26,53
06	55,55	35	40	97,22
07	72,22	80	20	15,38
08	38,88	0	0	3,12
09	55,55	30	0	33,33
10	58,33	20	0	65
11	77,77	65	0	21,21
12	69,44	75	20	18,18
13	69,44	50	0	36,67
14	44,44	70	0	30,56
15	44,44	75	40	84
16	22,22	25	20	3,85
17	75	35	0	35,71
18	66,66	5	20	0
19	50	85	20	37,74
20	63,88	70	0	68,75
MÉDIA DO GRUPO	53,60	48,25	21	39,21

CPDF = teste de Consciência do Próprio Desvio de Fala

CPDE = teste de Consciência do Próprio Desvio de Escrita

SD = percentual de registros escritos sem a repercussão do desvio de fala

6 Discussão de resultados

Após a análise dos dados da pesquisa observou-se que há uma relação entre a existência de desvios na fala e a existência de desvios na escrita. A maioria dos sujeitos da pesquisa registrou em sua escrita os desvios apresentados na fala. No entanto, esse fato não pode levar à conclusão de que crianças com DFE irão necessariamente reproduzir seus desvios na escrita, tendo dificuldades em ler e escrever. Pode-se observar nesta pesquisa que sujeitos com DFE são capazes de escrever corretamente palavras que produzem oralmente de forma desviante. Apenas um informante repercutiu na escrita todos os desvios que apresentou na fala, fato que confirma a afirmação de Magnusson (1990) de que nem todas as crianças com desvios terão problemas com a escrita.

Os erros de escrita apresentados por crianças com DFE são semelhantes aos erros de escrita observados em pesquisas com crianças que apresentam desenvolvimento fonológico normal (Varela, 1993; Abaurre, 1998, 1999). Esse fato aponta para a necessidade de mudança na forma como normalmente crianças com DFE são encaradas. Elas não podem ser vistas pela escola apenas como crianças que apresentam desvios de fala e têm dificuldade com a escrita, tornando-se muitas vezes repetentes esquecidos dentro das salas de aula. Essas crianças devem ser encaradas como indivíduos que, apesar de apresentarem uma fonologia desviante, têm capacidades suficientes que podem e devem ser trabalhadas para que adquiram a escrita com sucesso. É necessário, no entanto, que os professores alfabetizadores sejam instrumentalizados para saber lidar com essas crianças. Somente dessa forma poderão auxiliá-las na descoberta da escrita e no desenvolvimento de suas capacidades.

Constatou-se nesta pesquisa que crianças com DFE podem ter consciência do sistema fonológico considerado normal, uma vez que todos os sujeitos demonstraram capacidade de refletir sobre os sons da fonologia do português, respondendo ao teste de consciência fonológica utilizado.

Observou-se uma relação entre o nível de consciência fonológica de crianças com DFE em fase de letramento e a incidência ou não dos desvios fonológicos na escrita. O número de informantes com resultados coerentes quanto ao nível de consciência fonológica e à escrita sem a repercussão dos desvios orais foi maior do que o número de informantes com resultados incoerentes, o que mostra que a consciência fonológica pode influenciar a repercussão ou não dos desvios na escrita. Dessa forma, a consciência fonológica pode ser vista como um fator que contribui para um bom desempenho na escrita.

Um bom nível de consciência fonológica é necessário, mas não suficiente, para um bom desempenho na escrita. A consciência fonológica parece ser um *facilitador* (F. Yavas, 1989; Haase, 1990) para o domínio do código escrito. Segundo a concepção de influência recíproca entre consciência fonológica e aquisição da escrita assumida neste trabalho, pode-se supor que a consciência fonológica pode auxiliar o letramento de crianças com DFE, ao passo que este proporcionará um maior nível de consciência fonológica que pode, por sua vez, auxiliar na superação dos desvios orais.

Os testes de Consciência do Próprio Desvio de Fala e Consciência do Próprio Desvio de Escrita comprovaram a existência da consciência quanto ao próprio desvio. As crianças foram capazes de reconhecer como desviantes palavras produzidas por elas mesmas com desvios na fala e na escrita, julgando-as como incorretas.

A consciência do próprio desvio parece também interferir no desempenho de crianças com DFE, servindo como um facilitador para a não repercussão dos desvios orais na escrita. Essa consciência pode ser trabalhada pelo terapeuta e pelo professor, auxiliando a superação dos desvios de fala e contribuindo para a aquisição da escrita com sucesso.

Os níveis de consciência fonológica, consciência do próprio desvio de fala e consciência do próprio desvio de escrita mostraram-se relacionados ao desempenho na escrita de crianças com DFE.

Concluiu-se, por fim, que a consciência fonológica pode auxiliar a aquisição da escrita por crianças com DFE, bem como a terapia fonoaudiológica realizada com essas crianças. Além disso, o domínio do código escrito propiciará um aumento das capacidades metafonológicas e possivelmente contribuirá para a superação dos desvios fonológicos. Professores e fonoaudiólogos podem se valer de tarefas que envolvam escrita e consciência fonológica para realizar um trabalho produtivo com crianças que apresentem desvios fonológicos evolutivos. O desenvolvimento da consciência relacionada à fala e à escrita, quando bem trabalhado, pode contribuir para a superação dos desvios fonológicos na fala e na escrita de crianças com desvios fonológicos evolutivos.

Referências bibliográficas

- ABAURRE, Maria Bernardete M. *Dados da escrita inicial: indícios de construção da hierarquia de constituintes silábicos?* Inédito, Campinas: IEL/UNICAMP, 1998.
- . Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CARDOSO-MARTINS, Cláudia. A sensibilidade fonológica e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. *Cadernos de Pesquisa*, v. 76, p. 41-49, fev. 1991.
- HAASE, Vítor. *Consciência fonêmica e neuromaturação*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- MAGNUSSON, Eva. In: YAVAS, Mehmet S. (org). *Desvios fonológicos em crianças - teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- MENEZES, Gabriela Ribeiro Castro. *A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.
- MORAIS, José. Phonological awareness: a bridge between language and literacy. In: SAWYER, D. J.; FOX, B., J. *Phonological awareness in reading: the evolution of current perspective*. Berlin: Springer, 1989.
- VARELLA, Noely. *Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da aquisição da fala?* Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.
- YAVAS, Mehmet; HERNANDORENA, Carmen; LAMPRECHT, Regina. *Atuação fonológica da criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- YAVAS, Feryal. Habilidades metalingüísticas na criança: uma visão geral. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 14, 1989.